

O MODERNO **JÁ** PASSADO | O PASSADO **NO** MODERNO
reciclagem , requalificação , rearquitetura

anais do 7º seminário do_co_mo_mo_brasil

porto alegre, 22 a 24 de outubro de 2007

Park Hotel: o regionalismo crítico de Lúcio Costa e o desafio da rearquitetura em obras modernas.

Artur Mendes de Oliveira

Graduando de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense

Guilherme Pereira da Silva

Graduando de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense

Rafael Rodrigues Bittencourt de Carvalho

Graduando de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense

Travessa Francisco Dutra, 94, Icaraí, Niterói-RJ CEP: 24220150
Telefone: (21) 27117047 Fax: (21) 2711-4372 Email: arturmendesuff@yahoo.com.br

Park Hotel: o regionalismo crítico de Lúcio Costa e o desafio da rearquitetura em obras modernas

Entender a concepção projetual. Assim se iniciou uma extensa pesquisa realizada a partir de compilações de textos e trabalhos acadêmicos realizados em disciplinas relativas à conservação e restauração, sendo nosso objeto de estudo, o Park Hotel, projetado por Lúcio Costa.

Concebido no início da década de 40, com caráter provisório, na cidade de Nova Friburgo/RJ, o Park Hotel é considerado uma das obras mais importantes do arquiteto Lúcio Costa na fase anterior à concepção de Brasília. Por sua significação, em 1985 o Park Hotel foi declarado parte do patrimônio histórico artístico e nacional, reconhecido por Bruandi como um marco introdutório da arquitetura moderna no Brasil.

A proposta desta pesquisa ganha relevância por se desdobrar em duas vertentes. A primeira diz respeito à concentração de informações que servem de suporte para a segunda, que possui um caráter mais interpretativo dos dados. A partir disso, reunimos documentos e iconografias que se encontravam dispersas, somando hoje um número expressivo de material.

Este ensaio traz consigo uma contribuição à reflexão sobre o desafio de intervenção e de uma rearquitetura da arquitetura moderna, já que a sua demanda original foi superada há algumas décadas. Para isso fazemos aportes teóricos no que diz respeito ao conceito de restauro crítico e a textos escritos por Lúcio Costa, em que ele reaviva a contribuição do regionalismo crítico.

Palavras-chave: modernidade, regionalismo crítico, rearquitetura.

ABSTRACT

Lucio Costa: the critical regionalism and the challenge of re-archicteture in modern constructions

Aimring to understand the projectual conception, an extensive research was achieved from compiled texts and academical works related to conservation and restoration subjects focusing on Park Hotel planned by Lúcio Costa.

At the beginning of the 40 decade, although the provisional character, in the city of Nova Friburgo/RJ, the Park Hotel is considered one of the greatest projects of the architect Lucio Costa before the conception of Brasilia. In 1985 due to the significance, the Park Hotel was declared as historical, artistical and national property and considered by Bruandi a landmark introducing the modern archicteture in Brazil.

The proposal of this research is relevant because it is shared in two steps. The first concerns to the data collection that is the support for the second step which character is more interpretative. Based on these information reuniting meaningful documents and icnographies, summing an expressive number of data.

This essay contributes to the reflexion about the challenge of the intervention re-archicteturing the modern archicteture since the original demand was overcome some decades ago. For that reason, theoretical aportes were made concerning the critical restoration concept and articles written by Lucio Costa where he highlights the contribution of the critical regionalism.

Key words: modernity, critical regionalism, re-archicteturing.

Antes de focar o Park Hotel, aqui exposto como objeto de estudo que remete à arquitetura vernacular, característica presente na obra de Lucio Costa, e o repto da intervenção como rearquitetura em obras modernas, é preciso conceituar alguns termos abordados neste compêndio e posicionar este arquiteto na história da arquitetura com relação aos assuntos abordados neste ensaio.

Segundo Kenneth Frampton, o termo regionalismo crítico se refere a uma linha de pensamento, oriunda da arquitetura moderna, que busca uma arquitetura essencialmente pura, utilizando os elementos culturais, políticos e econômicos da sua região, buscando assim uma forma de independência cultural. Essa característica arquitetônica contrapõe um cenário vigente, onde o processo de construção baseia-se na redução a uma só tipologia, norma, modelo ou standardização dos elementos de produção, com finalidade de obter economia e rapidez na fabricação em série. Portanto, ao empregar o termo regionalismo crítico, se está fazendo referência a uma arquitetura vernacular, ou seja, própria do país ou região a que a obra pertence, desprovida da uniformização e se opondo à padronização que impera na arquitetura mundial.

Esta definição e consideração abre espaço para a compreensão de uma aparente contradição configurada entre standardização e a busca por uma essência vernacular.

“... por um lado, uma nação precisa enraizar-se no solo de seu passado, forjar um espírito nacional e propalar essa reivindicação espiritual e cultural em relação à personalidade colonialista. Mas visando participar da civilização moderna, torna-se necessário ao mesmo tempo integrar a racionalidade científica, técnica e política, algo que frequentemente exige o abandono puro e simples de todo um passado cultural. É um fato: nem todas as culturas são capazes de suportar e absorver o choque da civilização moderna. Este é o paradoxo: como torna-se moderno e voltar-se às raízes; como reviver uma civilização antiga e adormecida e participar da civilização universal?”¹

Vale destacar ainda que o regionalismo crítico não é uma prática comum entre os arquitetos mundiais, tornando-se, portanto, uma prática marginal no atual contexto da

¹ RICOER, Paul. Universal Civilization and National Cultures, 1961. In: Frampton, Kenneth. História crítica da arquitetura moderna. São Paulo: Editora Martins Fontes. 1997. P. 381.

arquitetura. Poucos são os arquitetos que, ainda hoje, perante toda padronização, desenvolvem projetos que prezam a arte tectônica, preservando os conceitos regionalistas.

*“O regionalismo crítico enfatiza tanto o tátil quanto o visual. Tem consciência de que o ambiente pode ser vivenciado em outros termos, não somente através da visão. É sensível a percepções complementares como os níveis variáveis de iluminação, as sensações ambientais de calor, frio, umidade e deslocamento de ar, bem como à diversidade dos aromas e sons produzidos por materiais diferentes em diferentes volumes, e até mesmo às sensações variadas induzidas pelos acabamentos dos pisos, que levam o corpo a passar por mudanças involuntárias de postura, modo de andar, etc”.*¹

Então, pode-se concluir que o regionalismo crítico não segue modismos, opondo-se a seguir tendências mundiais, que são severamente divulgadas pela mídia. A tônica do regionalismo crítico é baseada nos conhecimentos sobre cada material empregado, além das experiências adquiridas ao longo dos anos. Aspectos como a topografia e as questões climáticas são algumas das condicionantes do projeto arquitetônico baseado no conceito regionalista.

Neste âmbito, Lucio Costa se insere buscando encontrar o emblema brasileiro na arquitetura moderna ou, em outras palavras, Costa procurava nada mais do que uma identidade regional, dentro de um contexto repleto de signos internacionais, que desprezavam os elementos culturais brasileiros.

*“A busca pela brasilidade para a arquitetura moderna também deixou herança. A abertura de Costa para a afetividade numa escola que se pautava pelo racionalismo e pela frieza acaba funcionando (...) como uma crítica à arquitetura moderna e, ao mesmo tempo, uma antecipação ao regionalismo crítico. Esse movimento de crítica ao modernismo prega a incorporação de elementos da cultura local à arquitetura, exatamente como defendia Costa.”*²

¹ RICOER, Paul. Universal Civilization and National Cultures, 1961. In: Frampton, Kenneth. História crítica da arquitetura moderna. São Paulo: Editora Martins Fontes. 1997. P. 381.

² CARVALHO, Mario César. O Revolucionário tranqüilo, 2002. In: ARANTES, Otília Beatriz Fiori. Folha de S. Paulo, Mais!. São Paulo 24 de Fevereiro 2002.P. 5.

Até então, Lucio Costa vivia alheio às novas tendências mundiais e aos novos rumos que a arquitetura tomara. Numa série de fatos meramente ocasionais, como uma viagem a Europa em 1926 e uma posterior visita a Minas Gerais, Costa avalia sua produção arquitetônica, baseada no Neocolonialismo, e passa a ter conhecimento do novo paradigma que proliferaria na arquitetura internacional (leia-se por isso a arquitetura moderna). Curiosamente, Lucio Costa conhece a figura de Le Corbusier numa inocente brincadeira de força, no retorno da Europa.

Fatos importantes na vida de Lucio Costa, como a realização do Salão de 1931, considerada a exposição percussora do Movimento Moderno e a sua longa trajetória à frente do IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), onde trabalhou como diretor e foi responsável pela sistematização da documentação a respeito do tombamento de edifícios no Brasil, nos ajudam a entender como aconteceu a mudança na sua produção arquitetônica, passando de Neocolonial a Moderna, e o seu respeito às tradições locais. No enxerto abaixo fica evidenciado o olhar de Lucio Costa para a permanência das tradições locais, dentro do que o arquiteto chamava de “movimento tradicionalista”.



Figura 1 – Lucio Costa

“Foi quando surgiu, com a melhor das intenções, o chamado “movimento tradicionalista” de que também fizemos parte. Não percebíamos que a verdadeira tradição estava ali mesmo, a dois passos, com os mestres de obras nossos contemporâneos; fomos procurar, num artificioso processo da adaptação – completamente fora daquela realidade maior que cada vez mais se fazia presente e a que os mestres se vinham adaptando com simplicidade e bom senso – os elementos já sem vida da época colonial: fingir por fingir, que ao

menos fingisse coisa nossa. E a farsa teria continuado – não fora o que sucedeu.

Cabe-nos agora recuperar todo esse tempo perdido, estendendo a mão ao mestre-de-obras sempre tão achincalhado, ao velho “portuga” de 1910, porque - digam o que quiserem – foi ele quem guardou sozinho, a boa tradição.”³

O Park Hotel apresenta-se de forma bastante apropriada como exemplo da prática do regionalismo crítico nas obras de Lucio Costa. Projetado no início da década de 40, em Nova Friburgo/RJ, o Park Hotel é considerado uma de suas obras mais importantes na fase anterior à concepção de Brasília. Por sua significação, em 1985, essa edificação foi declarada parte do patrimônio histórico artístico e nacional, reconhecido como um marco da introdução da arquitetura moderna no Brasil.

A construção desta pousada, inicialmente projetada como sendo de caráter provisório (aproximadamente dez anos), foi encomendada por César Guinle e se destinava à hospedagem de eventuais compradores de terrenos no loteamento denominado Parque São Clemente, bairro de Nova Friburgo, projetado pelo paisagista francês Augusto Glaziou, seguindo os conceitos das “Cidades Jardins”. O local escolhido para erguer a edificação consiste numa pequena nesga de terreno, localizada no lote “Zero”, na quadra “D” do citado parque, num total de 3.600m² de área. As obras ficaram a cargo de Arnaldo Monteiro, assistido por Sylvio Santos, colega de turma do dono do empreiteiro, tendo a sua concepção e inauguração num prazo mínimo, segundo o próprio Lucio Costa, graças a uma comunhão de propósito do arquiteto e do proprietário.



Figura 2 – Vista da fachada norte

³ COSTA, Lucio. Lucio Costa: Sobre arquitetura. 1º Volume. Porto Alegre: Centro dos estudantes universitários de arquitetura, 1962. P. 43.

“...todos os fins de semana eu saía de casa no silêncio ainda escuro da madrugada – o bairro era então ainda deserto – ao apelo do ronco distante do bonde “Jardim Leblon” que vinha de Ipanema, a fim de encontrá-lo, a postos, no cais para atravessarmos a baía com o carro rumo a Niterói, e de lá subirmos a serra, com duas paradas para dar de comer carvão ao “gasogênio”, que o clima então era de guerra...pronta a construção...fomos, Dr. César e eu, comprar louça, na Rua Camerino, grossos cobertores de padrão escocês de um lado e lisos do outro, espessas toalhas brancas de banho – grandes, que disto fazia questão – além de lençóis e cortinas, na “Notre Dame” da Rua do Ouvidor.

Assim, uma noite, entregue aos cuidados de um hoteleiro suíço, a pousada se iluminou para o nosso comovido e mútuo enlevo.”⁴

Posteriormente, o hotel serviu de moradia para a família Guinle, no ano de 1958. Mais tarde, três administrações tentaram reativar o hotel, porém não obtiveram rentabilidade, ficando assim evidente o desafio da sua reutilização.

A partir da reunião de documentos e iconografias que se encontravam dispersas, além das inúmeras visitas *in loco*, foi possível interpretar os dados obtidos e chegar a uma descrição detalhada do Park Hotel.

A edificação é composta por um volume principal de seção transversal trapezoidal, que se destaca no espaço, e um volume anexo destinado ao setor de serviços. A fachada sul (principal) está de frente para a rua de acesso ao hotel, enquanto na fachada norte, orientados para receber maior insolação devido ao clima frio da região, encontram-se dez quartos, com varandas que se estendem de maneira contínua, ficando abertas para uma bela paisagem com árvores que compõe o entorno. O volume principal é composto por um equilíbrio das proporções que definem o seu espaço, fazendo um jogo de modulações. O primeiro pavimento do hotel apresenta um avanço devido aos balanços presentes no segundo pavimento, em função das varandas e um recuo devido à área externa liberada pelos pilotis.

O Park Hotel mescla um sistema construtivo baseado em vários preceitos espaciais da arquitetura moderna, versando sobre uma concepção vernacular, pois emprega toras de eucalipto e pedras encontradas em abundância na região. Com isso compreende-se como Lucio Costa, em sua auto-análise, declara fazer modernismo sem ser modernista, pois em sua visão existe distinção entre o emprego dos preceitos

⁴ COSTA, Lucio. Lucio Costa: Registro de uma vivência. São Paulo: Empresa das Artes, 1995. P 172.

modernistas imbuídos da compreensão espacial e a simples adoção formal por apreço estético ou por modismo.



Figura 3 – Vista da sala de estar

A construção é elevada cerca de um metro do solo, na qual as bases de pedras e toras de madeira cumprem o papel das fundações. Este sistema é encontrado no andar térreo e conta com algumas peças metálicas para realizar a amarração das vigas aos pilares, evitando a dilatação da madeira. Já a vedação da fachada leste é constituída por tijolos maciços com forma peculiar, sendo toda essa parte (setor de serviços do hotel) auto-portante, ou seja, ausente de pilares e vigas.

As pedras, que também fazem a vedação e ajudam na função estrutural, são assentadas seguindo o estilo *opus incertum* (obra incerta), já que possuem formatos irregulares e tamanhos variáveis, sendo unidas por uma argamassa, sem a preocupação com as fiadas, ficando as juntas planas.



Figura 4 – Fachada sul - foto anterior a 2004



Figura 5 – Fachada sul - Julho de 2004



Figura 6 – Fachada sul - Julho de 2006

No andar superior, os fechamentos são compostos por alvenaria tradicional, sendo todo o forro, esquadrias, o guarda corpo das varandas e todo o piso do hotel em madeira – exceto as áreas molhadas, que são revestidas por azulejos (sendo que não existem mais os azulejos originais).

A cobertura do projeto é constituída por telhas coloniais (capa e canal), sendo todas produzidas na extinta Cerâmica Parque São Clemente, localizada nas imediações do bairro, e que possuía condições de abastecê-lo com produtos cerâmicos, tijolos e telhas de todos os tipos, ladrilhos prensados, manilhas, etc.

As questões apresentadas, expostas e desenvolvidas anteriormente ajudam a compreender a importância singular que Lucio Costa possui. Paralelamente a isso, é curioso notar que o Park Hotel é pouco conhecido e difundido em estudos e

pesquisas, mesmo no meio acadêmico, fato agravado quando se tem noção do atual estado da edificação e da sua inatividade.

Tendo cumprido o objetivo para o qual foi proposto, ou seja, alojar os possíveis compradores, após a venda dos lotes e a consolidação do tecido urbano em seu entorno, o Park Hotel passou por três administrações ainda como pousada, sofrendo algumas intervenções e acréscimos, mas mesmo assim encontra-se desativado há aproximadamente dez anos. Seus antigos administradores alegaram dificuldade de manutenção e de obtenção de rentabilidade, devido às suas limitações físicas, que dificultam a continuidade de uso como local de pernoite por possuir apenas dez aposentos.

Fica evidenciado que a transcendência no tempo dessa obra, tornando-a conhecida até hoje, deveu-se especialmente a sua permanência de uso, além do tombamento em 1985. Contudo, hoje se encontra sob a vigilância de um único homem que, a pedido da família Guinle, zela pelo patrimônio.

O desafio da rearquitetura em obras modernas está também em estabelecer relações com itens programáticos presentes em sua concepção, com o fim de preservar sua conformação.

Como reflexão neste tópico, com base na compilação de propostas e extensa pesquisa realizada sobre o objeto de estudo, avalia-se que seria de bom tom preservar suas características vernaculares, diferenciais no projeto, e criar um novo vínculo de uso, resguardando também a ambiência do entorno, que, ainda hoje, se apresenta bem caracterizada, e em consequência trazendo novamente pessoas a usufruir do espaço, o que significará sua permanência e uma alternativa ao seu atual estado.

Identifica-se também a necessidade de fomentação da memória de Lucio Costa e do Park Hotel como uma das vertentes projetuais com potencial a ser explorado. Pois, mesmo em Nova Friburgo, o público em geral desconhece a história, a repercussão, os desdobramentos e a importância desta obra arquitetônica para o movimento moderno.

Referências bibliográficas:

- ARANTES, Otília Beatriz Fiori. *Arquitetura Simulada, O Olhar*, Cia das Letras, São Paulo, 1988.
- ARANTES, Otília Beatriz Fiori. *Resumo de Lucio Costa*. Folha de S. Paulo, Mais!, São Paulo 24 de Fevereiro 2002.
- BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.
- CAVALCANTI, Lauro. *Quando o Brasil era moderno - Guia de Arquitetura 1928-1960*. Ed. Aeroplano. Rio de Janeiro, 2001.
- COLQUHOUN, Alan. *Conceito do regionalismo crítico*. Revista Projeto nº 159. Dezembro de 1992.
- COLQUHOUN, Alan. *Regionalismo e Pós Modernidade*. Revista AU nº 45. Dezembro de 1992/Janeiro 1993.
- CONSTRUTORA DO PARQUE SÃO CLEMENTE – COPASAC. Av. Conselheiro Julius Arp. 230 - Parque São Clemente – Nova Friburgo/RJ. *Propriedades reunidas Eduardo Guinle LTDA*. Catálogo sem data.
- COSTA, Lucio. *Lucio Costa: Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.
- COSTA, Lucio. *Lucio Costa: Sobre arquitetura*. 1º Volume. Porto Alegre: Centro dos estudantes universitários de arquitetura, 1962.
- FRAMPTON, Kenneth. *História crítica da arquitetura moderna*. São Paulo: Editora Martins Fontes. 1997.
- Lugar, forma e identidade*. Revista AU nº 25. Agosto/Setembro de 1989.
- MINDLIN, Henrique E. *Arquitetura moderna no Brasil*. Editora Aeroplano. Rio de Janeiro, 1999.
- PEREIRA, Margareth da Silva. *Park Hotel: Uma caixa de madeira e pedra*. Revista AU nº 38. Outubro/Novembro 1991
- SERAPIÃO, Fernando. *O pêndulo de Lucio Costa*. Revista Projeto. Março de 2002
- WINISK, Guilherme. *O Risco – Lúcio Costa e a utopia moderna*. Coletânea de entrevistas retiradas do filme homônimo ao livro. Editora Pancrom. Rio de Janeiro, 2003.